

X Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Escuela de Historia de la Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional del Rosario. Departamento de Historia de la Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad Nacional del Litoral, Rosario, 2005.

O Papel Da Diplomacia Cultural Nas Relações Brasil-Argentina (1930-1940).

Paz dos Santos, Raquel.

Cita:

Paz dos Santos, Raquel (2005). *O Papel Da Diplomacia Cultural Nas Relações Brasil-Argentina (1930-1940)*. X Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Escuela de Historia de la Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional del Rosario. Departamento de Historia de la Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad Nacional del Litoral, Rosario.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-006/632>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

O PAPEL DA DIPLOMACIA CULTURAL NAS RELAÇÕES BRASIL-ARGENTINA (1930-1940). Raquel Paz dos Santos (doutoranda em História/UFF, professora substituta/UERJ)

A diplomacia cultural desempenhou um importante papel na política de aproximação dos governos do Brasil e da Argentina nas décadas de 1930 a 1940, período marcado por profundas transformações no plano econômico, político, social e cultural desses países que estabeleceram as diretrizes de um forte nacionalismo. Neste contexto, procuraremos compreender como ambos os governos utilizaram-se da relação cultural para atingirem objetivos nacionais de natureza não apenas cultural, mas também política, comercial ou econômica, como atestam os diversos acordos bilaterais estabelecidos na época.

Desta forma, no decorrer do período, procuraremos analisar as várias iniciativas de aproximação cultural como o intercâmbio acadêmico e artístico, além de outros projetos visando difundir informações positivas numa tentativa de diminuir as imagens negativas do país vizinho entre brasileiros e argentinos, buscando compreendê-los em suas especificidades. Neste período, muitos embaixadores, em suas correspondências, assumem a função de mediadores culturais entre as duas sociedades, procurando disseminar no imaginário coletivo essas novas representações, contrapondo-se à típica imagem da rivalidade. Esta política, contudo, está relacionada ao amplo debate em torno do pan-americanismo entre a intelectualidade sul-americana que opunha-se à proposta dos Estados Unidos que visava estabelecer sua hegemonia no continente.

Neste contexto de aproximação recíproca a conjuntura dos anos 30 teve um papel decisivo. Por um lado, temos grandes transformações no plano político e econômico com as crises do liberalismo e do capitalismo em 1929 que refletem profundamente na América do Sul levando ao enfraquecimento da produção agro-exportadora, base das economias brasileira e argentina, e o

crescimento pensamento nacionalista autoritário¹. Por outro, vemos que a crise econômica e a necessidade de cooperação mútua para superá-la foi um fator importante na aproximação do Brasil e da Argentina.²

Um outro fator que impulsionou a aproximação entre os dois países neste período foi o fortalecimento do discurso integracionista da América Latina em meio a intelectualidade, visto como uma possível alternativa para enfrentamento em bloco da crise liberal do sistema capitalista. Muitos intelectuais apontavam que diante da crise instalada nos EUA e na Europa, os países latino-americanos deveriam buscar um modelo próprio de desenvolvimento tanto no plano econômico e político, quanto no plano cultural. Desta forma, este grupo procurou impulsionar uma aproximação cultural entre esses países alicerçada em uma ideologia que transcendia as fronteiras nacionais e assumia amplitudes continentais.

Sob a influência dessas idéias procuraremos compreender como os governos brasileiro e argentino utilizaram-se da relação cultural para atingirem os objetivos nacionais de natureza não apenas cultural, mas também política, comercial ou econômica, como atestam os diversos acordos e convênios bilaterais estabelecidos na época.

Este trabalho faz parte de um estudo que está sendo desenvolvido em nossa tese de doutorado na qual buscamos analisar as representações produzidas do Brasil e da Argentina através das correspondências dos embaixadores aos governos brasileiro e argentino durante os anos de 1930 a 1950. Nesses depoimentos, tentaremos esclarecer qual a *visão do outro*, nas

¹ No Brasil, intelectuais como Alberto Torres, José de Oliveira Viana defendiam que somente a partir do estabelecimento de um Estado autoritário o Brasil iria desenvolver-se, o federalismo que era concebido como um elemento desintegrador da unidade nacional. Na Argentina, Leopoldo Lugones, Manuel Gálvez, entre outros, defendiam as idéias em torno do tradicionalismo católico, o culto ao líder, o maniqueísmo como filosofia histórica, a teoria da conspiração universal e a inclinação pelas alternativas autoritárias.

² “(...) suas economias mais se complementavam do que competiam e esta circunstância, favorecida ainda pela vizinhança(...) estimulou de tal modo o intercâmbio comercial que o Brasil se converteu em um dos maiores clientes da Argentina, a ocupar, constantemente, a terceira ou a quarta posição, devido, sobretudo, as volumosas compras de grãos e farinha de trigo. Em 1930, sua participação na pauta das exportações argentinas representou 13,38 % do total, inferior apenas a dos Estados Unidos e à Grã-Bretanha...” BANDEIRA, Moniz. Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992). São Paulo: Ensaio, 1993, p. 26.

reflexões e comentários de um grupo, como o dos embaixadores, que, por obrigações profissionais, estão em contato direto e contínuo com o país vizinho. Desta forma, procuraremos refletir como o outro país é *interpretado/compreendido*, bem como as tentativas de uma aproximação cultural entre ambos os países no contexto das relações bilaterais.

Como nossa pesquisa encontra-se em uma fase inicial, apresentaremos as primeiras análises de nosso estudo. Neste primeiro momento, nos debruçamos mais sobre as fontes brasileiras, por isso elas tiveram uma ênfase maior ao longo do texto.

Desde que Brasil e Argentina se tornaram estados independentes até os anos 40, encontramos momentos que oscilaram entre um certo afastamento e rivalidade e de uma maior aproximação entre os governos do Brasil e da Argentina. No decorrer do século XIX, tanto o Império brasileiro como os sucessivos governos de Buenos Aires expressaram uma política de concorrência pela hegemonia na América do Sul, pois ambos disputavam a influência junto as estados- limites Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Na primeira década do século XX, durante o mandato José Figueroa Alcorta na Argentina, ocorre um momento de grande tensão entre os dois países, principalmente quando Estanislao Zeballos ocupou o Ministério das Relações Exteriores (1906-1908). Zeballos havia sido o perito argentino derrotado pelo Barão do Rio Branco na arbitragem pelo território das Missões (Palmas) na última década no século XIX.

Esta vitória arbitral do Brasil introduziu um novo ingrediente de acrimônia nas relações entre os dois países. Em decorrência desta animosidade mútua, em princípios do século XX, iniciou-se uma corrida naval entre Brasil e Argentina além de atritos inusitados entre o Barão do Rio Branco e o chanceler argentino. Segundo Rosendo Fraga, *"los países entran en una carrera armamentista, en la cual la compra de grandes acorazados era su aspecto más ostensible, tanto política como económica."*³

³ FRAGA, Rosendo. *"la Argentina y Brasil en las primeras décadas del siglo."* In: Brasil-Argentina. A Visão do Outro. Brasília: FUNAG, 2000, p. 402.

Esta visão de hostilidade ficava evidente na correspondência do embaixador Pedro Toledo, em ofício de Buenos Aires em 1920, já na segunda década portanto, ao retratar a imagem que os argentinos faziam do Brasil, destacava a arrogância cultural e racial desses, sobretudo dos portenhos, além de um sentimento de inimizade em relação aos brasileiros:

*"O Brasil é em regra figurado como um país de índios e negros, sem civilização e sem progresso (...) Nas farsas e comédias, representado em teatros...o brasileiro é exposto como um inimigo nato da Argentina, encarnando sempre personagem ora ridículo ou covarde, ora degenerado ou imbecil."*⁴

Essas agressões ao Brasil também estavam presentes na imprensa portenha, como ficava expresso em um artigo em *Crítica*(13/10/1920) ao relatar a visita de um time brasileiro de futebol:

"O artigo levava o título de 'Macacos em Buenos Aires' e dizia que os brasileiros eram 'elementos de cor que se vestem como nós e que pretendem confundir-se com a raça americana.' Entre outras coisas, o autor adicionava: 'Por isso, cada vez que nasce um nenê (no Brasil), a primeira coisa que fazem os pais é recorrer o bairro para ver com qual vizinho a criatura se parece.'" ⁵

Porém, havia motivos mais sérios que justificavam o clima de hostilidade entre Brasil e Argentina. Após a Primeira Guerra Mundial, sobretudo entre 1919 e 1927, os preparativos bélicos atingiram dimensões cada vez mais maiores na Argentina com a compra de armamentos e navios no exterior. Além disso,

⁴ HILTON, Stanley. *Brasil-Argentina*. In: JAGUARIBE, Hélio (org.). Leitura de Política Internacional. Brasília: Ed. UNB, 1982, p. 103.

⁵ Idem.

procurou-se estreitar as relações com a Bolívia e o Paraguai. Tais atitudes ampliaram o clima de tensão entre os dois países.⁶

Contudo, na década de 30, pelos motivos que citamos anteriormente, iniciativas dos governos do Brasil e da Argentina promoveram uma política de reaproximação. Como atestam as visitas de Justo ao Rio de Janeiro em 1933 e a de Vargas a Buenos Aires em 1935, nesses encontros foram firmados acordos econômicos, políticos e culturais que marcaram um momento importante nas relações bilaterais.

Em seu diário Vargas fez anotações sobre sua visita a Argentina:

*“Nossos militares apreciaram as demonstrações de apreço que receberam de seus colegas(...) onde esperavam encontrar desconfianças e restrições por certas intrigas desnecessárias(...) a visita teve um grande efeito política de aproximação, de conhecimento recíproco e de melhor compreensão. **Para simpatizar é preciso compreender.**”⁷*

“Para simpatizar é preciso compreender” foi um princípio importante no direcionamento dos projetos de intercâmbio cultural com a Argentina iniciados no governo Vargas e muito significativo para compreendermos o papel dos embaixadores, dos intelectuais de ambos os países durante este período.

Para um melhor entendimento dos objetivos e características da diplomacia cultural é conveniente nos voltarmos para as análises do diplomata Edgar Telles Ribeiro:

“(...) Considera-se que as relações culturais internacionais têm por objetivo desenvolver, ao longo do tempo, maior compreensão e aproximação entre os povos e instituições em proveito mútuo. A

⁶ Era óbvio aos líderes brasileiros que a política externa argentina visava, principalmente, o Brasil. ‘Ela vê no Brasil um obstáculo às suas ambições de hegemonia continental...’, escreveu o almirante Souza e Silva em fins da guerra na Europa.” HILTON, Stanley. op. cit. , p. 104.

⁷ Diário de Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, p . 232. (grifo nosso).

diplomacia cultural, por sua vez, seria a utilização específica da relação cultural para a consecução de objetivos nacionais de natureza não somente cultural, mas também política, comercial e econômica.”⁸

Desta forma, a diplomacia cultural empreendida pelos governos do Brasil e da Argentina entre as décadas de 1930 e 1940 estava atrelada aos interesses políticos, comerciais e econômicos de cada país, pois a conjuntura deste período marcada pela crise, pelo fortalecimento do nacionalismo e dos ideais americanistas, estimulou a aproximação desses dois países que queriam superar suas dificuldades internas e estabelecer sua hegemonia na América do Sul.

Durante os anos 30, foi muito importante a atuação do embaixador argentino Ramón J. Cárcano, em exercício no Rio de Janeiro de 1933/1937, no sentido de promover relações amigáveis entre seu governo e o brasileiro. Cárcano era historiador e um importante intelectual da época que apoiava um estreitamento das relações com o Brasil não somente no âmbito político e econômico, mas especialmente no plano cultural. Durante sua gestão idealizou e impulsionou os convênios de intercâmbio cultural firmados pelos governos de Justo e Vargas.

Como exemplo de seu empenho na aproximação entre brasileiros e argentinos podemos citar seu pronunciamento a comissão de industriais de Buenos Aires que chegavam ao Rio de Janeiro em 1934. Nesta ocasião ressaltou que uma maior aproximação entre os dois países, contribuiria para um conhecimento melhor de ambos, destruindo antigos receios e desconfianças:

"El contacto inmediato de brasileños y argentinos, el conocimiento personal de hombres y cosas, de las formas y procedimientos en los negocios, ha corregido errores y suprimido prejuicios, recelos y desconfianzas tradicionales e

⁸ RIBEIRO, Edgar Telles. Diplomacia Cultural: seu papel na Política Externa Brasileira. Brasília: IPRI-MRE, 1989, p. 23.

injustificables. Se han convencido del aislamiento recíproco en que vivían dos países vecinos, siguiendo indeliberadamente una tendencia ancestral.”⁹

Um convênio importante assinado entre os governos dos dois países em 1933 foi o de “intercâmbio intelectual”, estabelecendo que:

“As instituições ou associações científicas, culturais, literárias e artísticas do Brasil e da Argentina procurarão fomentar por todos os meios o intercâmbio intelectual entre brasileiros e argentinos, propiciando viagens de seus membros e professores das universidades e estabelecimentos de ensino superior de um país ao outro, afim de professarem cursos de suas especialidades ou conferências a respeito de coisas brasileiras e argentinas.”¹⁰

Este convênio também estabelecia que anualmente uma caravana de vinte estudantes, na qual estariam representadas todas as regiões do Brasil e da Argentina, visitaria Buenos Aires e Rio de Janeiro acompanhadas por um professor universitário ou de escola de ensino superior.

Um outro convênio muito significativo também assinado neste ano foi o “a revisão dos textos de ensino de história e de geografia”. Segundo este convênio:

“A República dos Estados Unidos do Brasil e a República Argentina, animadas do desejo de ainda mais estreitar as relações de amizade que as unem, convencidas de que esta amizade mais se consolidará pelo perfeito conhecimento que

⁹ Pronunciamento do embaixador argentino Ramón Cárcano à comissão de industriais de Buenos Aires em visita ao Rio de Janeiro em junho de 1934. In: RUIZ-MORENO, Isidoro. *Semblanzas de Brasileiros por el Embajador Carcano*. Seminário Brasil-Argentina: "Os anos 30: reflexos e vínculos", organizado por la Fundação Alexandre Gusmão(FUNAG), el Centro de Estudios Unión de la Nueva Mayoría (CEUNM) y la Fundación Centro de Estudios Brasileiros (FUNCEB). Rio de Janeiro (Palácio do Itamaraty - PUC, 22 y 23 de noviembre de 1999, p. 3.

¹⁰ Ministério das Relações Exteriores (Coleção Atos Internacionais). _N.º 95. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939, pp. 5 e 6.

*tenham as novas gerações, tanto da geografia como da história de suas respectivas pátrias, expurgados dos textos de ensino daqueles tópicos que recordem paixões de épocas pretéritas, quando ainda não se haviam perfeitamente consolidado os alicerces de suas nacionalidades...”*¹¹

É interessante observar que a proposta de “apagar” da história do Brasil e da Argentina os textos que abordassem as rivalidades e conflitos de ambos os países em épocas anteriores, além de sugerir uma clara manipulação do conteúdo do ensino de história demonstrava a preocupação de ambos os governos em projetar imagens positivas do país vizinho que era um objetivo fundamental neste momento de aproximação e, sem dúvida, a educação seria um instrumento relevante na construção desta nova mentalidade.

No conjunto das políticas culturais no âmbito educacional desenvolvidas por estes governos na década de trinta, também merece destaque o “pan-americanismo escolar”. Tratava-se de uma iniciativa brasileira através do Ministério da Educação com o apoio do Ministério das Relações Exteriores, cujo objetivo seria fazer da escola uma diretriz da confraternização americana tentando romper o isolamento do Brasil dos outros países vizinhos. Neste contexto, foram criadas as “escolas argentinas” no Rio de Janeiro. Essas escolas visavam difundir a cultura e a história argentinas no sentido de construir uma imagem positiva do país vizinho e as demais “repúblicas irmãs”. Estes objetivos estavam expressos em sua proposta pedagógica:

“La directora de la mencionada escuela, al dirigirse al superintendente escolar, dió cuenta ampla de la labor realizada, manifestando que en vista de todos los escudos colocados en el aula y considerando las estrechas relaciones existentes con la República Argentina, pensó, para aprovechar tan expressivos emblemas, 'hacer vivir' a la República Argentina dentro de su

¹¹ Ministério das Relações Exteriores (Coleção Atos Internacionais). Op. Cit. N° 96, p. 5.

escuela en continuo ambiente de amor, de colaboración y de solidaridad (...) los proyectos y los centros de intereses estarían encaminados de manera que las observaciones, asociaciones y expresiones contemplacen, conjuntamente, todo lo relacionado con las repúblicas hermanas, sin olvidar el intenso intercambio que entre ellas deberá reinar.”¹²

Um acordo expressivo para nesse esforço aproximação cultural foi “permuta de publicações” também assinado em 1933. Este acordo estabelecia que deveria existir em bibliotecas do Brasil e da Argentina seções especiais para as quais seriam remetidas publicações oficiais sobre os dois países. Os dois governos se comprometiam em fornecer as missões diplomáticas brasileira em Buenos Aires e argentina no Rio de Janeiro três exemplares de cada uma de suas publicações oficiais e todas aquelas que fossem editadas com sua ajuda. Além disso:

“A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro , D.F., e a Biblioteca Nacional de Buenos Aires entrarão em acordo para manter, com desejável frequência, o serviço de permutas de obras editadas no Brasil e na Argentina e de cópias ou fotografias de documentos que possam ter interesse para a história americana.”¹³

Por fim, um outro convênio importante foi o “para fomento do turismo” entre brasileiros e argentinos, entendendo que o turismo muito poderia contribuir para sua maior aproximação, permitindo-lhes conhecer não apenas suas condições de vida como igualmente proporcionar, pelo contato mais assíduo, uma melhor compreensão de seus mútuos interesses.

Em 1936 um outro marco expressivo no desenvolvimento dessas relações culturais foi a criação do “Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura” em Porto

¹² La Razón. Buenos Aires, 20 de maio de 1935, p.13.

¹³ Ministério das Relações Exteriores (Coleção Atos Internacionais). _N.º 98. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939, p. 6.

Alegre, que ao que tudo indica também estava sendo criado em Buenos Aires. Lindolfo Collor falou de suas metas em seu discurso inaugural:

*“(...) Nas capitais da Argentina e do Brasil e nas ruas das suas cidades principais, ele formará centros de irradiação cultural que aumentam entre as nossas populações o interesse por tudo quanto se refira a vida intelectual de um a outro país. Conhecendo-nos melhor pela inteligência, melhor nos compreenderemos politicamente e mais nos estimaremos do ponto de vista moral. Nós temos muito que aprender com a Argentina, e é de supor que os nossos irmãos argentinos também encontram na nossa experiência, nas nossas vicissitudes e esforços pelo progresso alguns motivos para reflexão e exame. **Como os argentinos, também nós os brasileiros estamos seguros de bem servir nas nossas intenções e atitudes os grandes ideais do americanismo.** Já não sofremos(...) as mais ligeiras razões de rivalidade em relação a nenhum país da América. Temos(...) a consciência de um destino a cumprir e que se define nestas palavras: defender a paz nas nossas relações internacionais e a civilização ocidental dentro de nossas fronteiras.”¹⁴*

As palavras de Lindolfo Collor nos remete a duas questões muito pertinentes deste período: ressaltava a necessidade de relacionamento entre ambos os países não apenas do ponto de vista político, mas também moral e, ainda, a força do ideário americanista que deveria impulsionar a aproximação não só entre Brasil e Argentina, mas também com os demais países da América.

¹⁴ Arquivo Lindolfo Collor. Discurso inaugural do Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura, Porto Alegre 11 de junho de 1936. CPDOC, p,3 (grifo nosso).

Mesmo não podendo avaliar o impacto dessas políticas de aproximação cultural nas sociedades brasileira e argentina, é muito significativo o empenho de ambos os governos em estabelecer convênios, acordos, instituições com esse propósito na década de 1930, marcando um novo momento nas relações bilaterais.

Nos anos 40, as relações argentino-brasileiras foram marcadas por constantes oscilações. Em alguns momentos expressaram divergências, em outros, coincidências.

De acordo com José Luis B. Beired, o posicionamento dos nacionalistas argentinos frente ao problema geopolítico foi um importante elemento na competição de seu país com o Brasil no decorrer dos anos de 1930 e 1940 pela hegemonia na América do Sul, sobretudo na bacia do Prata. Os artigos e editoriais da revista *Nueva Política* demonstravam uma grande preocupação com a aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial:

“(...) Contra o que afirmavam ser uma política expansionista e hegemônica do Brasil, reclamavam iniciativas governamentais que colocassem a Argentina em uma clara posição de superioridade com relação ao seu maior vizinho. A vitória do Eixo, almejada desde o início da guerra, tornou-se ainda mais imperativa com o apoio do governo de Getúlio Vargas aos Aliados, uma vez que a vitória destes revolveria de vez a disputa geopolítica na América do Sul a favor do Brasil(...) Considerava-se que o primeiro objetivo da política exterior argentina deveria ser o acréscimo de influência do país no subcontinente, com vistas a transformá-la na principal potência da região. A partir dessa posição ambicionava-se inclusive que a Argentina pudesse estender sua influência para outras regiões da América Latina.

Mas antes disso, tornava-se fundamental o controle da margem uruguaia do Rio da Prata...”¹⁵

Desta forma, esta vertente nacionalista revela um posicionamento totalmente oposto ao discurso integracionista que teve um grande impulso nos anos trinta, como analisarmos anteriormente, pois tende a estimular a rivalidade entre os governos do Brasil e da Argentina na disputa pela supremacia na América do Sul, especialmente após a decisão brasileira em apoiar os Aliados em 1942. Estas diferentes visões do nacionalismo dividiu a intelectualidade de ambos os países, evidenciando o conflito de idéias típico do discurso nacionalista deste período.

A respeito desta posição conflitante dos governos brasileiro e argentino diante dos acontecimentos da Segunda Guerra, Luiz Alberto Moniz Bandeira ressalta que apesar do seu alinhamento aos Estados Unidos, Getúlio Vargas nunca pensou em hostilizar-se com a Argentina, mesmo com as pressões norte-americanas neste sentido. Seja pela complementariedade de suas economias uma vez que os convênios comerciais entre ambos os países estabelecidos a partir do Tratado de 1941 contribuíram para que em 1944 o Brasil já superasse a Grã-Bretanha no fornecimento de manufaturas à Argentina, seja pela nova postura do governo deste país após o golpe de 1943 que vai se assimilar em muitos aspectos com o sistema de poder imposto pelo governo de Vargas após a Revolução de 1930, instituindo uma aliança entre militares, trabalhadores e classes médias urbanas em torno de um projeto de industrialização e desenvolvimento nacional, além disso, ambos os países estavam sob ditaduras de caráter bonapartista e nacionalista modeladas em algumas teorias nazi-fascistas, embora tivessem objetivos econômicos e sociais diferentes dos regimes instituídos na Itália e na Alemanha. Por isso, Moniz Bandeira ressalta que:

¹⁵ BEIRED, José Luis B. *“A grande Argentina” : um sonho nacionalista para a construção de uma potência na América Latina*. Trabalho apresentado no seminário internacional “Procesos de Integración y Bloques Regionales. Historia, Economía y Política”, realizado na Universidade de Buenos Aires, entre 10 e 12 de setembro de 1997.

“O regime, que os EUA queriam derrocar na Argentina, apresentava, portanto, as mesmas semelhanças e características do que vigorava no Brasil, com o seu suporte político, militar e moral. Farrel não ocultava a sua admiração por Vargas e pelo Brasil. Perón, também. O Estado Novo afigurava-se-lhes como exemplo. Por outro lado, Vargas, como homem nascido e criado na fronteira (São Borja) da Argentina, compreendia claramente a necessidade da boa vizinhança, entendendo que o Brasil, embora aliado e amigo dos EUA, era a ela unido pela geografia e assim os dois países estavam destinados a coexistir até o fim dos tempos. Por isto o embaixador Ramón J. Cárcano, representante do governo de Buenos Aires no Rio de Janeiro até 1937, tinha razão ao afirmar que, enquanto Vargas fosse presidente, o Brasil não tomaria qualquer atitude agressiva contra a Argentina.”¹⁶

Terminada Segunda Guerra as posições divergentes de ambos os governos em relação aos Estados Unidos definiu sua política externa.

Em 1946, Juan Perón, ao torna-se presidente da Argentina, dizia ser adepto da “Terceira Posição”, ou seja, não apoiava nem ao capitalismo nem ao comunismo, portanto, adotou uma política de não-alinhamento na “guerra fria”. Mario Rapoport fez a seguinte análise desta política externa adotada pelo governo peronista:

“(…) la “Tercera Posición” abrió un camino nuevo dentro del marco histórico en el que tuvo que desarrollarse. En este sentido, Perón visualizó con claridad el fenómeno principal de la posguerra: la

¹⁶ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. Brasil, Argentina e Estados Unidos – Conflito e Integração na América do Sul (Da Tríplice Aliança ao Mercosul 1870-2003). Rio de Janeiro: Revan, 2003, p. 211.

existencia de un mundobipolar hegemonizado por dos grandes potencias: EE.UU y la URSS. Su error de pronóstico en cuanto al estallido de una tercera guerra mundial no le hizo equivocarse en otro aspecto fundamental: el intento de practicar una política que permitiera ganar márgenes de autonomía en un mundo signado por opciones irreductibles, aunque esa práctica acusara debilidades o no tuviera el éxito esperado debido al tenaz acosamiento a que se vio expuesta.”¹⁶

No Brasil, a política externa adotada pelo governo de Eurico Gaspar Dutra aprofundou as suas relações com os EUA assumindo uma posição de grande dependência, rompendo as relações com a União Soviética.

Segundo Amado Luiz Cervo¹⁷, no âmbito regional, um outro aspecto relevante do posicionamento adotado pelos dois governos foi dar uma maior prioridade as suas relações com a América Latina. No entanto, ambos os países neste período mantiveram uma relação de cordialidade, estabelecendo acordos de cooperação mútua, entre outros comerciais, políticos e culturais. Porém, em certos momentos, reacendem-se as desconfianças em relação a determinadas posturas do país vizinho.¹⁸

Neste contexto, as políticas de aproximação cultural têm um certo refluxo nos 40 em comparação com a década anterior.

Contudo, o governo brasileiro continuou incentivando este tipo de relação entre os dois países, como demonstra o convite à Gilberto Freyre pelo Itamaraty nos anos quarenta para que formular-se sua política cultural. Freire representava o grupo de intelectuais brasileiros defensores de um pan-americanismo que se

¹⁶ RAPOPORT, Mario. La Tercera Posición. www.magicasruinas.com.ar

¹⁷ CERVO, Amado Luiz. Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas. Brasília: IBRI, 2001

¹⁸ Um exemplo claro dessas desconfianças foi a ascensão do peronismo na Argentina a partir de 1946: "(...) os relatórios dos representantes brasileiros nas Capitais do Cone Sul, que chegavam à chancelaria nos dois primeiros anos de governos eleito de Perón, eram alarmistas, denunciando constantemente os objetivos expansionistas. Fundavam-se esses diplomatas brasileiros em uma percepção da degradação do regime e de sua marcha para o nacionalismo. A diplomacia brasileira então não era ativa, porém atenta. Feita de cautela em Buenos Aires e de vigilância nos arredores." CERVO, Amado Luiz. Op.cit. p. 157.

opunha a hegemonia norte-americana no continente e promovesse uma maior integração entre os países latino-americanos:

“Nós, povos americanos em geral, e latino-americanos, em particular, podemos nos felicitar do fato de constituirmos uma combinação quase ideal de semelhanças e de diferenças. De semelhanças possuímos o bastante para sermos um vasto sistema continental ou transnacional de cultura. De diferenças, o suficiente para escaparmos à monotonia ou à esterilidade cultural. Nossas diferenças nos completam. Ou devem completar-nos, equilibrando-se. Porque o americanismo, sociologicamente compreendido, tem ainda seus inimigos, contra os quais precisamos de nos conservar atentos e até vigilantes, todos os que desejamos ver a América desenvolver-se sem excessos do predomínio regional ou nacional deste ou daquele Estado ou desta ou daquela região, sobre o todo continental; sem que a herança de cultura anglo-saxônica absorva a latina ou a hispânica(..) sem que o simples poder econômico dê a alguma República técnica ou materialmente mais adiantada que as outras o direito de sentir-se dona do continente, de intervir arrogantemente na política dos vizinhos...”¹⁹

Freyre ressaltava ainda que este americanismo se opunha a ação de qualquer Estado do continente que procurasse servir-se das matérias-primas dos países mais fracos visando atender aos interesses de lucro de um grupo particular, fazendo uma explícita crítica à política imperialista dos EUA. Este importante intelectual brasileiro também mantinha um constante diálogo com outros intelectuais latino-americanos, entre eles os argentinos.

No início da década de 1940, ocorreram iniciativas de ambos os governos visando uma maior entendimento mútuo. Exemplos dessas iniciativas encontramos na correspondência do embaixador José de Paula Rodrigues

¹⁹ FREYRE, Gilberto. *O 4º Centenário de La Paz*. In: *Americanidade e Latinidade da América Latina e outros textos afins*. Brasília: Ed. UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 116.

Alves²⁰ em exercício em Buenos Aires, ao presidente Getúlio Vargas em 1941. Nela relata que o Doutor Pedro Ledesma, Presidente do Departamento Nacional de Educação, havia concordado com a idéia de Vargas de enviar crianças argentinas para terem um contato íntimo com os brasileiros. Informava também que as crianças eram em número de vinte e viriam acompanhadas de um grupo de professores e professoras.

O embaixador João Baptista Luzardo esteve em exercício em Buenos Aires entre 1946/1948. Pertencia a geração política que se formou com a revolução de 1930. Era do Rio Grande do Sul, portanto um homem da fronteira, tendo uma maior proximidade com a sociedade argentina, além de ser amigo pessoal de Vargas.

Luzardo era simpatizante do peronismo e sempre procurou promover uma política de aproximação, destacando a relevância da Argentina na América do Sul. Esta sua postura provocou críticas por parte da elite conservadora brasileira, radicalmente contrária a Perón.

Ao tratar dos comentários sobre o Brasil por parte da imprensa argentina com Raul Fernandes, Ministro das Relações Exteriores, lamentava pela escassez e conotação negativa dos mesmos, apesar do trabalho de aproximação desenvolvido pela diplomacia de ambos os países:

"Conforme tive a honra de informar Vossa Excelência(...) apesar dos esforços desenvolvidos pela Missão, não se caracterizam nem pela abundância nem pela simpatia o noticiário sobre o Brasil publicado na imprensa deste país.

São geralmente escassos os comentários relativos aos acontecimentos importantes ou às realizações que se imponham pela grandiosidade e transcendência. O desenvolvimento econômico, os progressos sociais, a evolução da cultura, a

²⁰ José de Paula Rodrigues Alves a Getúlio Vargas, correspondência, Buenos Aires, 18 de setembro de 1941, CPDOC, microfilmagem: rolo 6, fot. 947/948.

produção científica, as transformações do Brasil em afirmações industriais não parecem despertar a curiosidade da imprensa argentina, sempre tão sensíveis a qualquer elevação do Brasil ao prestígio internacional.

Ao contrário, são difundidas notícias nem sempre favoráveis ao 'país hermano; não poupando as relativas a desastres, bandoleiros, reações populares momentâneas que revistam alguma violência, doenças endêmicas, dificuldade atuais de vida e muitos outros assuntos em foco, que possam causar impressão."

21

Apesar desta postura por parte da imprensa argentina, Luzardo afirmava que esta maneira de agir não caracteriza um posicionamento hostil em relação ao Brasil, mas sim um antigo hábito das agências de notícias:

"Não há, contudo, nessa maneira de agir uma atitude hostil, nem se poderia adiantar que existem propósitos de vilipendiar o povo brasileiro. Trata-se de um velho hábito da imprensa, ou melhor, das agências telegráficas.

*Na realidade, toda a obra de aproximação, elaborada pela diplomacia dos dois países, não chega a influenciar os meios jornalísticos de forma total. **Os costumes arraigados resistem aos interesses superiores de entendimento sem reservas."** ²²*

O interessante deste relato de Luzardo é sua tentativa de relativizar a hostilidade entre brasileiros e argentinos, não tomando uma postura de ataque a imprensa argentina sobre as representações negativas que captava no imaginário social sobre o seu país, mas procurava mostrar que tal procedimento seria devido

²¹ João Baptista Luzardo a Raul Fernandes, correspondência, Buenos Aires, 30 de janeiro de 1947, AHI.

²² Idem. (grifo nosso).

aos "costumes arraigados" na cultura daquele país que criava obstáculos a um entendimento, como ele mesmo diz, sem reservas.

É importante destacar essa releitura que faz em sua correspondência dessas informações difundidas pelos jornais, adotando uma postura de mediador cultural que procurava buscar as causas da permanência dessa visão negativa apesar de todo o esforço por parte da diplomacia.

Esse papel de "mediador" adotado por alguns embaixadores do Brasil e da Argentina, é muito relevante porque produz representações mais reflexivas do país vizinho, ao contrário das imagens muitas das vezes carregadas de preconceitos e rivalidades difundidas pela imprensa, que como vimos foram historicamente construídas no contexto das relações entre os dois países.

Finalizando, procuramos neste trabalho analisar os fatores que motivaram bem como as formais pelas quais os governos do Brasil e da Argentina desenvolveram uma diplomacia cultural visando um melhor entendimento e conhecimento mútuo de suas sociedades entre as décadas de 1930 e 1940, não esquecendo que este intercâmbio cultural visava atender aos interesses políticos e econômicos dos dois países. Constatamos que foi durante os anos 30 que estas políticas culturais tiveram maior impulso, contudo o discurso integracionista permaneceu forte em meio a intelectualidade argentina e brasileira até o fim da Segunda Guerra, quando as novas diretrizes políticas diminuíram sua expressão. Todavia, o enfoque dessas relações culturais é importante porque nos traz novos fatos sobre o relacionamento entre os dois países, nos levando a refletir como políticos e intelectuais repensaram a sua imagem sobre o país vizinho e buscaram estratégias de aproximação cultural.

BIBLIOGRAFIA:

BANDEIRA, Moniz. Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992). São Paulo: Ensaio, 1993.

_____. Brasil, Argentina e Estados Unidos – Conflito e Integração na América do Sul (Da Tríplice Aliança ao Mercosul 1870-2003). Rio de Janeiro: Revan, 2003.

CERVO, Amando Luiz. Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas. Brasília: IBRI, 2001.

Diário de Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

FRAGA, Rosendo. *la Argentina y Brasil en las primeras décadas del siglo*. In: Brasil-Argentina. A Visão do Outro. Brasília: FUNAG, 2000.

_____. Ramón J. Cárcano: a história como instrumento da diplomacia. Brasília: FUNAG, 2000.

FREYRE, Gilberto. *O 4º Centenário de La Paz*. In: Americanidade e Latinidade da América Latina e outros textos afins. Brasília: Ed. UNB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

HILTON, Stanley. *Brasil-Argentina*. In: JAGUARIBE, Hélio(org.). Leitura de Política Internacional. Brasília: Ed. UNB, 1982.

HISRT, Monica. Vargas-Peron y las relaciones Brasil-Argentina. Buenos Aires: Flasco, noviembre de 1985.

RAPOPORT, Mario. La Tercera Posición. www.magicasruinas.com.ar

RIBEIRO, Edgar Telles. Diplomacia Cultural: seu papel na Política Externa Brasileira. Brasília: IPRI-MRE, 1989.

RUIZ-MORENO, Isidoro. *Semblanzas de Brasileiros por el Embajador Carcano*. Seminário Brasil-Argentina: "Os anos 30: reflexos e vínculos", organizado por la Fundação Alexandre Gusmão(FUNAG), el Centro de Estudios Unión de la Nueva Mayoría (CEUNM) y la Fundación Centro de Estudios Brasileiros (FUNCEB). Rio de Janeiro (Palácio do Itamaraty - PUC, 22 y 23 de noviembre de 1999.

FONTES:

Arquivo Lindolfo Collor. *Discurso inaugural do Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura*, Porto Alegre 11 de junho de 1936. CPDOC.

Crítica. Buenos Aires, 03 de outubro de 1920.

João Baptista Luzardo a Raul Fernandes, correspondência, Buenos Aires, 30 de janeiro de 1947, Arquivo Histórico do Itamaraty.

José Bonifácio de Andrada e Silva a Mário Pimentel Brandão, relatório, Buenos Aires, 31 de março de 1937, AHI, lata 590, maço 9337.

José de Paula Alves a Getúlio Vargas, correspondência, Buenos Aires, 18 de setembro de 1941, CPDOC, microfilmagem: rolo 6, fot. 947/948.

La Razón. Buenos Aires, maio de 1935,

Ministério das Relações Exteriores (Coleção Atos Internacionais).N.º 95,96 e 98. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939.

Oswaldo Furst a Raul Fernandes, correspondência, Buenos Aires, 14 de janeiro de 1948. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Itamaraty.